

## **CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA BRASILEIRA (COB)**

Organização nascida formalmente em abril de 1906, no interior do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, então capital do país, e instalada concretamente a partir de março de 1908. Acorada sobretudo na Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), mas com a colaboração da Federação Operária de São Paulo (FOSP) e de outras organizações do país, a COB foi a primeira organização operária nacional capaz de atuar com algum sucesso, embora de maneira irregular e com dificuldades. Representou um avanço para o movimento operário no país, especialmente através de seu jornal, *A Voz do Trabalhador*, publicado quinzenalmente com uma tiragem que chegou a quatro mil exemplares. Nos 71 números publicados nos anos de 1908 e 1909 e entre 1913 e 1915, *A Voz do Trabalhador* noticiou as lutas do proletariado de várias partes do Brasil e do mundo e conseguiu pela primeira vez coordenar e promover a troca de informações no interior do movimento. Configurou-se assim como o primeiro grande esforço de criação de uma identidade comum entre os trabalhadores do Brasil.

### **OBJETIVO E ATUAÇÃO**

Ao criar a COB, trabalhadores vindos de São Paulo e do próprio Rio de Janeiro, principais promotores do Primeiro Congresso Operário, mas também de estados distantes da capital como Pernambuco e Ceará – mais exatamente 43 delegados de 28 sindicatos operários –, atribuíram à confederação os seguintes fins: promover a união dos trabalhadores para a defesa de seus interesses morais, materiais, econômicos e profissionais; estreitar laços de solidariedade entre o proletariado organizado, dando maior força e coesão a seus esforços; estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender publicamente as reivindicações econômicas dos trabalhadores, através de todos os meios e especialmente através do jornal *A Voz do Trabalhador*; reunir e publicar dados estatísticos e informações exatas sobre o movimento operário e as condições de trabalho em todo o país.

A iniciativa da realização desse Primeiro Congresso Operário partiu da FORJ, originada da Federação das Associações de Classe, nascida no Rio de Janeiro em 1903. O congresso realizou-se na sede do Centro Galego, na rua da Constituição, e a COB teve sua sede instalada inicialmente num sobrado da rua do Hospício (atual rua Buenos Aires), 144, também no centro do Rio de Janeiro. Mais tarde, em setembro de 1913, a sede da COB passaria à rua dos Andradas, 87, mesmo local da sede da FORJ. Nessa época, era seu secretário geral o tipógrafo anarquista Rozendo dos Santos, e seu tesoureiro, o também trabalhador gráfico João Leuenroth.

Durante os primeiros anos de existência, a COB reuniu cerca de 50 sindicatos, sobretudo os organizados na FORJ, na FOSP e na Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), suas principais bases de sustentação, e também os organizados na Federação Socialista Baiana e na Federação de Santos, entre outras. A COB era formada por federações nacionais de indústria ou de ofício, uniões locais ou estaduais de sindicatos, sindicatos isolados de locais onde não existiam federações ou de indústrias e ofícios não federados. Em julho de 1908, o primeiro número de *A Voz do Trabalhador* anunciava que as associações que tinham aderido à COB eram: do Rio de Janeiro, o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (os têxteis eram o maior grupo entre os trabalhadores industriais no Brasil), a Associação Protetora dos Chapeleiros, o Centro dos Operários Marmoristas, o Sindicato dos Carpinteiros, Pedreiros e Anexos, o Sindicato dos Trabalhadores em Ladrilhos e Mosaicos, o Sindicato dos Trabalhadores em Pedreiras, o Sindicato dos Pintores, o Sindicato dos Sapateiros e o Sindicato Operário de Ofícios Vários; do estado de São Paulo, o Sindicato dos Trabalhadores Gráficos, a União dos Chapeleiros, a Liga dos Trabalhadores em Madeira, a Liga dos Pedreiros e Anexos, o Sindicato dos Trabalhadores em Veículos, o Sindicato dos Metalúrgicos, o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, o Sindicato dos Transportadores de Tijolos, o Sindicato dos Trabalhadores em Pedra Granito, a Liga dos Pintores, a Liga das Costureiras de Carregação, o Sindicato dos Trabalhadores de Olarias, o Sindicato dos Oficiais Alfaiates, o Sindicato dos Vidreiros de Água Branca, a Liga Operária de Campinas, a Liga Operária de Jundiaí, a Liga Operária de Amparo, o Centro União Operária de Ribeirão Preto, o Sindicato de Ofícios Vários de São Bernardo, o Sindicato dos Pintores, o Sindicato dos Carpinteiros e o Sindicato dos Pedreiros de Santos; do Rio Grande do Sul: o Sindicato dos Marmoristas de Porto Alegre.

Em 1913, eram confederadas, segundo *A Voz do Trabalhador*, do Rio de Janeiro, a FORJ, o Centro dos Operários Marmoristas, a União Geral dos Pintores, o Sindicato dos Sapateiros, o Sindicato dos Carpinteiros, o Sindicato de Ofícios Vários, o Sindicato dos Estucadores e Pedreiros, o Sindicato dos Trabalhadores das Pedreiras, a Fênix Caixeiral, a Associação Operária Independente, o Sindicato Operário da Indústria Elétrica e o Sindicato dos Funileiros e Bombeiros Hidráulicos, além do Círculo Operário Fluminense de Niterói e o Centro Operário Primeiro de Maio de Petrópolis; de São Paulo, a União Gráfica, o Sindicato Operário de Ofícios Vários, o Sindicato dos Estucadores, Pedreiros e Serventes, a União dos Canteiros, o Sindicato dos Carroceiros e Chauffeurs, o Sindicato dos Ternos de Embarque de Café, o Sindicato dos Pintores, o Sindicato dos Pedreiros e Serventes, o Sindicato dos Canteiros, o Sindicato dos Estivadores, o Sindicato dos Carpinteiros, o Sindicato dos Ferreiros e Serralheiros, a Liga Operária de Batatais, o Centro Operário

Beneficente e Instrutivo de Jaú, a União Operária de Cravinhos, a Sociedade Operária de Vila Rafard, a União Operária Beneficente de Franca e a Federação Operária Local de Santos; de Minas Gerais, a Associação Beneficente Irmãos Artistas de Juiz de Fora, a Liga Operária Machadense, de Machado, e o Centro Operário Sindicalista de Belo Horizonte; do Rio Grande do Sul, a Federação Operária do Rio Grande do Sul e as associações a ela federadas, a União Operária Internacional, a Allgemeiner Arbeiter Verein, a União dos Pedreiros, a Sociedade Polaca, a União Metalúrgica, a União dos Chapeleiros, a União Tipográfica, o Sindicato dos Pintores e a Sociedade União dos Trabalhadores da Estiva; do Amazonas, a Associação das Artes Gráficas do Amazonas; de Alagoas, a Federação Operária Alagoana e suas associações federadas, o Sindicato Gráfico, o Sindicato dos Alfaiates e o Sindicato dos Sapateiros; do Rio Grande do Norte, A Liga Operária de Natal e a Liga Operária de Mossoró. A comparação entre as duas relações revela uma expansão numérica e geográfica considerável da confederação.

Somente os sindicatos formados exclusivamente por trabalhadores assalariados e que tivessem como objetivo principal a resistência no terreno econômico podiam fazer parte da COB. Cada sindicato aderente tinha um delegado na confederação e devia contribuir para as despesas com uma quota mensal de 20 réis por cada um dos membros. A comissão responsável pela COB era eleita por dois anos e distribuía os encargos entre seus membros. Segundo a decisão do congresso, a confederação não pertencia a nenhuma escola política ou doutrina religiosa, não podendo tomar parte coletivamente em eleições, manifestações partidárias ou religiosas, nem podendo um sócio qualquer servir-se de um título ou de uma função da confederação em um ato eleitoral ou religioso. Considerando que o operariado se achava extremamente dividido pelas suas opiniões políticas e religiosas, a COB convidava a deixar fora do sindicato a luta política de um partido e também as rivalidades que resultariam da adoção, pelos sindicatos, de uma doutrina política ou religiosa, ou de um programa eleitoral. Por esse princípio básico, os sindicatos não deveriam ser nem anarquistas, nem socialistas, nem católicos, mas simplesmente operários.

A inspiração no movimento operário francês, sobretudo na Confederação Geral do Trabalho – Confédération Générale du Travail (CGT) – é clara, como também no movimento sindicalista revolucionário italiano, país de origem de muitos dos militantes do período, sobretudo em São Paulo. É evidente a força no interior da COB, e dos sindicatos a ela associados, do sindicalismo revolucionário, movimento que reunia ideias socialistas e anarquistas, mas que, ao menos no período 1905-1914, se tornou em vários países uma corrente política autônoma e caracterizou as expressões mais radicais do movimento sindical.

Os temas fundamentais dessa corrente sindicalista revolucionária foram especialmente a

crítica às tendências reformistas, o apelo à ação direta do proletariado, a importância atribuída à função do sindicato e o ataque ao Estado, em todas as suas expressões. Na visão de sociedade futura dos sindicalistas revolucionários, seria o sindicato a gerir a sociedade, substituindo a autoridade e as funções do Estado. O processo de formação do sindicalismo revolucionário, a partir dos anos 1890, variou de país para país: se, na França e no Brasil, ele nasceu mais próximo dos anarquistas, na Itália e na Argentina, foi uma dissidência dos Partidos Socialistas desses países.

Os membros da COB consideravam que ela deveria defender as aspirações fundamentais “da grande família socialista”, sem distinção de escola e de partido, de modo que qualquer membro de uma organização, fosse ela social-democrata, socialista, anarquista ou de outra tendência, poderia aceitá-la inteiramente. Julgava-se, pois, que a condição para o sucesso do sindicato estava na sua autonomia, que garantiria a supressão dos conflitos entre as diferentes tendências políticas presentes entre os trabalhadores.

A COB foi, assim, o produto da ação de militantes provenientes de diversos horizontes políticos, como anarquistas, sindicalistas revolucionários, socialistas e outros, mas que viam no sindicato o órgão e na greve geral o meio para a transformação social. A COB declarava também que seus membros eram totalmente livres para agir segundo suas convicções políticas, com a condição de que fosse fora do sindicato. Isso tudo expressava o desejo de atenuar o peso dos desacordos políticos no interior das organizações sindicais, que tinham a obrigação de se concentrar nas lutas reivindicativas.

As organizações inspiradas no sindicalismo revolucionário procuravam obter vantagens a curto prazo no quadro do sistema existente, mas adotavam também, como perspectiva a longo prazo, a derrubada do capitalismo e a instauração de um sistema de propriedade coletiva dos meios de produção, geridos pelos próprios trabalhadores.

A COB atuou intensamente nos anos 1908 e 1909, com a escrita regular de seu jornal, e com a organização de grandes manifestações. O jornal sobrevivia das quotas pagas pelas associações, das subscrições voluntárias, e organizando festas e quermesses. Publicava notícias da confederação e das associações a ela federadas, das suas reuniões, assembléias e greves, denunciava a exploração e as condições de trabalho nas fábricas e outros locais de trabalho, e incentivava a luta pela jornada de oito horas, organizando também comícios de propaganda para esse fim. Procurava convencer os trabalhadores que não ainda tinham uma organização a unirem-se para fazê-lo. A luta antimilitarista também foi tema central da discussão e da ação do jornal. O último número da primeira fase de *A Voz do Trabalhador* é de dezembro de 1909. A partir daí, COB desarticulou-se.

Em outubro de 1912, a FORJ nomeou uma comissão reorganizadora da COB, para dar início aos trabalhos visando à realização do Segundo Congresso Operário Brasileiro. Em

janeiro de 1913, a COB estava reorganizada e seu jornal renascido, dando início a um novo período de lutas intensas. Nos primeiros meses de 1913, a COB promoveu inúmeros comícios e manifestações contra a carestia. Organizou também diversos comícios contra a Lei de Expulsão de Estrangeiros, além das comemorações e protestos do Primeiro de Maio. Em suas páginas, *A Voz do Trabalhador* organizou e noticiou o Segundo Congresso Operário Brasileiro, realizado em setembro de 1913. Entre os anos de 1913 e 1915, a COB, através de seu jornal, continuou informando os trabalhadores sobre o movimento operário no Brasil e em outros países, prosseguiu com seus protestos contra as expulsões de trabalhadores e contra a guerra, manifestando também seu apoio aos movimentos anticlericais. Publicou ainda, ao longo de toda a sua existência, vários artigos de debate sobre o sindicalismo e sua importância na organização dos trabalhadores. Embora muitos dos militantes que articularam a COB e que escreviam no jornal fossem anarquistas, prevaleceu a idéia, expressa também pelo importante anarquista Neno Vasco nas páginas do jornal, de que o sindicato não deveria ser anarquista, pois isso afastaria muitos trabalhadores, dividindo o movimento. Em junho de 1915, saiu o último número do jornal, encerrando os registros da experiência da COB.

Em 1920, quando se realizou o terceiro e último Congresso Operário da Primeira República, a COB já não existia. Se o primeiro e o segundo congressos haviam se realizado em um clima de mobilização, o terceiro ocorreu no período da intensa repressão que se seguiu às ondas de lutas dos anos 1917-1919, com a deportação de muitos líderes operários. Era também um período de reconfiguração do movimento operário. A análise das resoluções do Terceiro Congresso indica que foram poucas as conquistas efetivas e duradouras ao longo dos 14 anos que separaram a realização do primeiro e do terceiro congressos, com muitas das temáticas retomadas. Certamente, porém, todas as experiências vividas ao longo desses anos, incluindo o esforço da COB na criação de uma articulação nacional do movimento, foram fundamentais para a construção dos trabalhadores como sujeitos políticos no Brasil.

*Edilene Toledo*

FONTES: BATALHA, C. *Movimento*; FAUSTO, B. *Trabalho*; HARDMAN, F; LEONARDI, V. *História*; MARAM, S. *Anarquistas*; PINHEIRO, P; HALL, M. *Classe*.